

Offline

O lusco-fusco do quarto foi a primeira coisa que senti. Senti antes de ver. Aquele momento em que estamos no limbo da consciência activa, onde o som vai gradualmente aumentando de volume e os olhos vão abrindo suavemente até atingir o ponto do chamado “acordar”. Acho que passaram trinta segundos até que uma sensação estranha me atingiu. Sabem aquele click? Quando sentem que algo está errado? Foi isso. Tentei perceber o que era e concluí que seria a ausência de barulho que me apoquentava. Qual barulho não sei, mas deveria ser algum ruído de fundo que me é familiar e que agora não o estou a ouvir. Estendo a mão para a mesa de apoio ao lado da cama e tacteio à procura da minha lente Cosmic-Owl R400, metade do meu ordenado do mês passado. Coloco a lente no olho esquerdo e aguardo a conexão mas nada acontece. Dou uma pequena palmada na cabeça e nada. Tiro a lente e tento colocar no outro olho mas aleijo-me e desisto. O quarto está inexplicavelmente frio. Os leds de presença estão apagados. Procuo a caixa original do Cosmic-Owl onde está guardada a lente original para o olho direito. Encontrei. Coloco rapidamente e aguardo. Nada.

Desfaço a caixa à procura das instruções. No fundo da caixa, impresso no cartão, apenas dois passos. 1 – Escolher a lente esquerda ou direita. 2 - Ajustar ao olho e seguir as instruções no display. Não acredito que avariaram. Não conheço ninguém a quem isto tenha acontecido. Onde é que guardei as antigas? Acho que nesta gaveta do quarto. Tento abrir. Não vou conseguir. Toda a casa está ligada ao sistema MOA. Todos os móveis, portas, janelas, electrodomésticos, torneiras e coisas que nem me recordo agora, estão conectados através de uma rede silenciosa de micro-ondas. Esta rede é controlada por uma lente de contacto, ou óculos para quem é fã de memorabilia do século passado, que se liga sensorialmente ao cérebro. Basta pensar no que queremos e acontece. A ciência é um sonho. Excepto quando não funciona e nada funciona agora. Deito-me no chão e tacteio ao longo da parte de trás do móvel Yard3000 uni peça IKEAXXII que decora toda a parede anterior do meu quarto. Arranho a mão na parede várias vezes mas consigo destrancar o botão de segurança e a gaveta abre-se com um estalido. Reparo que é o primeiro som que ouço desde que acordei que não foi feito por mim. Sinto que algo está mal, ainda não consigo perceber bem o quê.

Encontro a caixa das lentes anteriores, um modelo Basic-Control. Ajusto a lente no olho esquerdo. Nada. Foda-se. Levanto do chão e vou à casa de banho. Cagar enquanto penso. Felizmente deixei as persianas ontem a meio gás e hoje consigo orientar-me em casa com uma réstia de luz. Sento-me na sanita. Estou em modo pensador quando me lembro da água. Experimento o controlo manual do autoclismo WaterSaver Atmosphere. Claro. Não funciona. Levanto-me. Carrego no botão manual da torneira do lavatório. Nada. Tudo está ligado. Nada funciona. Que merda é esta?

- JB! JB!

Uma voz apareceu vinda da sala. Corro para lá mas bato no caminho com os dedos do meu pé descalço na quina da porta o que me faz saltar e gritar mentalmente um sonoro palavrão enquanto vejo a @FilipaCorante21 no papel de parede da sala. O brilho do papel é a primeira luz artificial do dia que vejo. Faz-me sentir um pouco aconchegado.

- Estás vivo @JB756UH!!

- Claro que estou vivo Filipa, odeio que uses esse nome.

- É o username que os teus pais te deram, reclama com eles. Estás vivo! Estás vivo!

A cara de pão de quilo da Filipa olha-me de todas as direcções devido ao papel de parede que tenho nas quatro paredes da sala. Ocorre-me que estou apenas de cueca adaptável e que tenho de abrir o roupeiro TUY78 na sua versão do ano passado, para vestir qualquer coisa mais.

- Que horas são?

- Não sabes? Porque apareces offline?

- Offline? Estou Offline?

- Sim! Toda a gente aqui pensou que tinhas morrido. Quando não apareceste para trabalhar reparei que estavas offline. Não sabia que podias ficar offline sem morrer. Pregaste-me um susto. A tua mãe já ligou para cá a perguntar se pagávamos o funeral e já puseste o TJ aos berros a dizer que se começar a pagar funerais a todos os externos tem de fechar o escritório.

- Olha! Foda-se para esta merda.

- Comporta-te, estás em todos os displays aqui.

- Que bonita visão

Vejo a cara do meu Operações, @TJHenriques

- Ei, Chefe

- JB que merda é esta? Porque é que tás despido com essas cuecas ridículas em vez de estares aqui a trabalhar. Já puseste aqui estas galinhas a chorar. Tive de fazer a reunião sem ti. Sempre a foder-me a vida. Veste-te, vou mandar-te um carro para te pores aqui rapidamente. E o carro vai com ordens para nem parares para café.

Desapareceu tão rápido como apareceu. A ideia de que estava lixado sem ter culpa nenhuma passou-me rapidamente pela cabeça e ia começar a tentar pensar no que estava a acontecer quando a Filipa voltou ao ecrã.

- Filipa, eu não sei porque estou offline. O despertador biónico não despoletou, porque as lentes estão desligadas, as antigas também. Não consigo abrir nada aqui em casa. Só o flex paper trabalha.

- Porque é da empresa. Lembras-te que o TJ quis ser ele a pagar para poder controlar a casa de cada um e que até tivemos aquela luta com a Comissão Ética porque ele queria por na casa toda.

- Ahh, então são as minhas coisas que estão OFF.

- Sim, apareces offline em todos os dispositivos de localização e redes sociais. Por isso as lentes não funcionam. É como se tivesses morto.

Ouço lá por trás o TJ aos berros a dizer que o carro não me vai reconhecer porque estou desligado e que sempre disse que devia ter contratado um robô cognitivo.

- Filipa, desliga lá isso, acalma aí o homem, eu vou tentar vestir-me. Nem sei como vou sair de casa.

- Está bem. Estou tão contente que estejas vivo. Já estava a pensar o que podia vestir no funeral porque o vestido que levei ao do meu tio está naquela lavandaria automática da Av. João Paulo III. Lá naquele bairro novo da Amadora. Conheces?

- Filipa, por favor!

- Okeiiii. Desculpa lá qualquer coisinha. Até já.

E manda um beijo de lábios fechados que se transformou numa careta horrível. Fez-me lembrar um pato. Acho que seria um pato. Não me recordo do formato dos animais da quinta. Só conheço países civilizados. Tenho de visualizar alguma ficção que incluía animais. Faz tempo que só vejo filmes do século passado para adormecer. Deve ter algum com patos. Volto ao quarto. As luzes apagadas não me ajudam a perceber como fazer para chegar aos controles manuais do roupeiro. Nem sei se esta versão os tem. Tactei onde consigo e não encontro. Se calhar estão na parte que encostei à parede. Como ia adivinhar que precisava deles. Deviam colocar isso nas faqs para uma eventualidade “Não encostar na parede”. Tenho de enviar uma insta-reclamação. Obviamente que não li as faqs quando o instalei. Se calhar até já lá está. Vou reclamar na mesma.

Desisto. Na cozinha ainda devo ter roupa que não foi levada pela lavandaria automática do prédio. Procura na lavagem automática. Não a consigo abrir. Previsível. Quero beber leite. Frigorífico. Fechado. Paro. Tento reflectir. Esta falta de luz, este escuro. Atrofia-me. Fecho os olhos. Novamente a luz artificial

- JB. – A voz séria do chefe

- Sim

- Coloca-te aí de frente para o ecrã, fecha os olhos e respira fundo.

Iam fazer-me um exame médico remoto. O papel flexível de parede tem todas as propriedades dos antigos monitores e dos primeiros robôs médicos, permitindo fazer uma tomografia e uma ressonância magnética, bem como analisar as concentrações de nutrientes no sangue e urina.

- Ok, podem começar.

Senti um ligeiro frio no corpo, depois na espinha. Não sei se era do exame ou da casa estar fria pelo facto do aquecimento estar desligado.

- Podes abrir os olhos e mexer-te. O médico robótico diz que está tudo bem, sem alterações estruturais desde o teu último exame semanal. Porque estás desligado?

- Eu não estou desligado chefe, você está a ver-me.

- Porque não reportaste antes?

- Porque o despertador biónico não funcionou. E nada funciona aqui em casa. Só o papel de parede.

- Que, se bem me recordo, tu foste dos que mais vociferou contra o flex paper pago pela empresa. Porque iam contra a comissão de ética da privacidade. Bla Bla Bla. Vocês criticam mas eu é que tenho razão. Já mandei um carro buscar-te. Vê se vestes uma roupa apresentável e já vemos o que se passa contigo aqui na sede.

- Não consigo abrir o roupeiro chefe.

- Espere aí – vira-se para alguém fora da imagem – Arranjem alguém para ir a um aluguer de fatos buscar qualquer coisa do tamanho dele, vejam nos detalhes dele na base de dados – Pagas tu JB.

- Obrigado

Volto a ficar sozinho. A minha mente voa entre vários pensamentos a uma velocidade tão estonteante, que não me consigo fixar em nenhum. Hesito no que fazer a seguir. Vou da sala para a cozinha, da cozinha para a sala, depois para o quarto. Já alguma vez sentiram a cabeça feita num nó? Onde sabem o que têm de fazer, mas não conseguem saber como têm de começar. Nem sequer chegam a essa linha de pensamento pois existe um bloqueio que não permite activar o módulo cerebral do raciocínio. É como olhar para um tabuleiro de xadrez moderno, e mesmo conhecendo as regras, sem saber o que se deve jogar no início.

Primmmmmm Primmmmmm Primmmmmm Primmmmmm

Ouço um som mecânico. Vem da parede da sala. O despertador mecânico do meu vizinho. Todos os dias o ouço a tocar através das paredes de cimento-elástico. Sempre gozei com a moda ultrapassada dos colecionadores de antiguidades mas hoje tinha-me dado jeito uma coisa daquelas. Se o soubesse por a trabalhar claro.

Deito-me no divã de velutina. Tento ligar o papel de parede mas não consigo. Só funciona mesmo a partir da empresa. Fecho os olhos. Abro os olhos. Este lusco-fusco faz-me pensar no sol lá fora. Fecho os olhos de novo. Imagino meio a brincar como seria ficar fechado aqui dentro para sempre e nunca mais ver o sol. De repente a imaginação foge para um buraco gigante que se abre debaixo do sofá e começo a cair. Grito mas não sai som nenhum. Sinto uma sensação horrível de queda. O vácuo. O chão aproxima-se. Abro os olhos. Devo ter adormecido. Comecei a imaginar e acabei a sonhar.

Estou a suar. Suor frio. Batem na porta.

- Srº JB756UH, está a ouvir? Srº JB756UH? – Uma voz grossa grita do outro lado da porta

- Sim! – a voz sai fraca – SIM! Estou aqui!

Levanto-me e a custo encosto a cabeça à porta.

- Srº JB756UH, pode abrir-me a porta por favor? Fui enviado para o vir buscar.

- Não consigo abrir a porta. Não tenho capacidade de comandar nada. Aparentemente estou offline.

- Eu sei. O seu chefe ligou a explicar o acontecido. Também deixou de conseguir ligar o flex paper. Talvez você o tenha estragado. Foi?

- O que aconteceu? Porque estou assim? Podem voltar a ligar-me à base de dados por favor?

- Receio que isso não seja possível. Consta que o senhor faleceu. A base de dados não está preparada para voltar a colocar online alguém que morreu. A morte é certa como sabe.

- Mas eu não morri. Você está a falar comigo.

- Oficialmente está morto. E isso é o mais importante. Agora, visto que na realidade não está, temos aqui um problema. Temos de perceber qual a razão para o sistema o considerar offline quando ainda tem o seu cérebro a funcionar.

- O sistema está errado claro.

- Você sabe que isso não é possível.

- Tem razão. ...Bom, tire-me lá daqui.

- Vou ter de deitar a porta abaixo.

- Desculpe?

- É o que é feito quando as pessoas morrem em casa.

- Mas qual morto? Eu nem febre tenho! Fizeram-me um exame remoto. Tudo bem como sempre.

- Tem outra ideia? Que tal saltar da janela?

- Não consigo abrir a janela também. Além de que isto é um oitavo andar.

- Eu sei. Assim resolvia-se este bug mais rapidamente. Ficávamos com a certeza que estaria mesmo morto.

- Não consigo abrir a janela. E não pode deitar a porta abaixo. Vale 2 pagamentos mensais. E eu estou no limite do budget. Fico em incumprimento e perco automaticamente a casa e o emprego.

- Senhor JB756UH. O senhor está morto. O que interessa perder o emprego e a casa?

- Lamento desapontar mas ainda não estou morto. – Dou uma valente palmada no rabo – Ouviu? Se me consigo bater então estou bem.

- Isso não está em causa. Mas como pode perceber, estamos aqui num impasse.

- E o que podemos fazer?

- Eu não posso fazer nada senhor JB756UH. O senhor é que tem de decidir o que pretende fazer agora.

- Quais são as minhas hipóteses?

- Olhe, eu acho que a sua melhor hipótese é realmente morrer. Assim não entra em incumprimento e o sistema segue sem falhas. Você pode ser um bug grave. Sabe que desde 2045 que não existem epidemias virais.

- Não sabia, foi assim há tão pouco tempo?

- Pouco mais de 40 anos sim.

- Parece uma coisa do século passado.

- Pois é. Bom. Voltando ao nosso tema, já pensou no que quer fazer?

- Não, você ainda não me deixou pensar.

- Tenho muito trabalho, não posso ficar o dia todo a tratar do seu caso.

- Desculpe.

- Acho mesmo que o correcto seria... Você sabe o que.

- Sei sim. Mas.. Assim? Parece tão seco.

- É um ser emocional Senhor JB756UH?

- Claro que não, por quem me toma?
- Então compreende que a lógica está acima da emoção.
- Óbvio que sim
- Então?
- Ok. Dê-me 2 minutos e depois arrombe a porta.
- Está bem.

Gastei 5 segundos e 370 milésimos parado a olhar para a porta. Entro mecanicamente na cozinha e desatarraxo a torneira de água quente ARMATAGE WHALE. Um modelo antigo composto por módulos que se encaixam uns nos outros como peças de lego. A torneira sai mais depressa do que estava à espera. O encaixe é em formato pontiagudo. Está muito gasto e corroído. Devia ter sido mais cuidado com a manutenção dos móveis de cozinha. Tanta inovação técnica e nunca a humanidade resolveu o problema da humidade. Rio-me sozinho do ridículo do meu pensamento. Humanidade e humidade juntas numa só frase. Hilariante. Enfim. Este bico pontiagudo vai servir. Penso no que será mais eficaz. A jugular ou um olho. A jugular ganha rapidamente a questão por maioria absoluta. Volto à sala. Olho uma última vez para a porta fechada. It's Showtime.